

Uso das redes social Facebook como ferramenta de comunicação na área de educação em saúde: estudo exploratório produção científica da área – 2005 a 2011.¹²

Prof. Dr. Arquimedes Pessoni

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil.

E-mail: pessoni@uscs.edu.br

GT5 Comunicación y Salud

1. Resumen

El objetivo de esta investigación es registrar la producción académica reciente sobre el uso de las redes sociales como herramientas de comunicación, educación y aprendizaje en el área de la salud, con énfasis en la red social Facebook. La investigación fue recolectada sobre la base de datos del Portal de revistas de Capes, utilizando las palabras clave "Facebook, educación y salud", teniendo como criterio de búsqueda el uso de contenido de acceso abierto más actual, publicado durante el período comprendido entre 2005 y 2011. El estudio señaló 37 trabajos científicos sobre el tema estudiado, 2 brasileños y 35 internacionales.

Redes sociais e novos aprendizados em saúde

Com a chegada da chamada Geração Y (nascidos após 1978) às universidades, a forma de ensino-aprendizagem recebeu um duro golpe por parte dos novos alunos-clientes. Para esse público, que já nasceu na época da Internet e para quem as atividades se dão em ritmo diferente, como se a vida fosse um vídeo-clip, a aprendizagem deve incluir, necessariamente, uso de novas tecnologias, acesso às redes sociais, aulas mais dinâmicas e com conteúdo inovador. Na sala de aula, em que prevalece uma geração de professores migrando para o uso do computador (ou

¹ Minha participação neste congresso teve o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)

² As opiniões, hipóteses e conclusões ou reconsiderações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

simplesmente evitando pensar nessa necessidade), o desafio de tornar a aula mais atrativa e atualizada para esse público é um fantasma acadêmico que paira na classe.

A tecnologia da informação mudou também a face da comunicação e da educação em saúde nos últimos anos. Educadores em saúde agora possuem a capacidade para ministrar cursos de ensino à distância, desenvolver programação interativa eletrônica, participar de discussões em tempo real através de videoconferência e participar em atividades conexas destinadas a preparar os profissionais de educação em saúde e promover a saúde entre a população. O objetivo desse artigo foi identificar, por meio de uma revisão da literatura, o estado da arte de pesquisas que mapeiam o uso da principal rede social (em termos quantitativos), o Facebook, como ferramenta de auxílio e comunicação entre professores e alunos da área da saúde. O Brasil foi o país que mais cresceu em número de usuários no Facebook em 2011. O país saltou de 8,8 milhões de usuários em dezembro de 2010 para mais de 35 milhões no mesmo mês de 2011, um crescimento de 298%. O país fica na quarta colocação em número de usuários da rede social, perdendo para os Estados Unidos, que possui 157 milhões de internautas, Indonésia, com 41,7 milhões, e Índia, com 41,3 milhões. Abaixo do Brasil ficaram México (30,98 milhões), Turquia (30,96 milhões), Reino Unido (30,4 milhões) e Filipinas (27 milhões). No total, o Facebook possui mais de 800 milhões de usuários (“Número de usuários”, 2012).

Trata-se de uma revisão da literatura, considerada um estudo descritivo retrospectivo. A busca pelas publicações indexadas foi feita nas Bases de Dados do Portal de Periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil a produção científica internacional, contando com acervo de mais de 29 mil periódicos com texto completo, 130 bases referenciais, nove bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. A busca se deu por meio das palavras-chave (em inglês) “Facebook, Comunicação, Educação e Saúde”, tendo como critério a busca por conteúdo de acesso livre mais atual. O levantamento de seu nos meses de setembro e outubro de 2011, reunindo 37 trabalhos de cunho científico sobre a temática estudada, sendo dois nacionais (brasileiros) e 35 internacionais, publicados no período de 2005 a 2011. O material

reunido engloba estudos nas áreas de saúde, educação e novas tecnologias. A proposta foi fazer o fichamento do material utilizando a análise dos principais artigos/trabalhos identificando o perfil mais recorrente nesse recorte.

Estado da arte

Do ponto de vista cronológico, o primeiro estudo identificado no levantamento se refere a Garcia (2005) discutindo o uso pedagógico da rede (Internet), enfatizando as formas de utilização na prática pedagógica. O trabalho aponta, ainda, as ferramentas da Internet e como as mesmas podem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem. Segundo o autor, “para a educação, a Internet pode ser considerada a mais completa, abrangente e complexa ferramenta de aprendizado do mundo”. Através dela, tem-se acesso aos mais avançados recursos de pesquisa do mundo. Desta forma, pode-se discutir pesquisas com outros colegas que trabalham com as mesmas preocupações e procurando-se alcançar resultados iguais. O autor relata que:

As escolas estão caminhando de forma muito lenta quando comparadas aos outros setores sociais. A ideia é que com a exploração desta ‘estrada’, alunos conectados de suas residências possam fazer suas tarefas de casa ou trabalhos em grupo de forma interativa e os professores possam atuar mais como mediadores do conhecimento. Os trabalhos, tanto de alunos quanto de professores, serão transformados em documentos eletrônicos para futuras consultas e o compartilhamento com outras culturas (p.3).

Além de uma série de endereços eletrônicos onde encontrar mais trabalhos sobre comunicação digital e educação o autor lembra que a utilização das redes leva-nos a crer em uma nova dimensão qualitativa para o ensino, através da qual se coloca o ato educativo voltado para uma visão mais internacionalizada e colaborativa. Para Garcia, “o uso das redes eletrônicas, está trazendo a prática pedagógica um ambiente atrativo onde o aluno é capaz, através da autoaprendizagem e de seus professores, de tirar proveito na sua preparação para a vida e para o trabalho” (p.21).

O trabalho da Faber Novel Consulting, de 2007, mostra um estudo e análise do Facebook como fenômeno de rede social. O estudo apresenta um histórico de criação da plataforma Facebook e suas ferramentas, o explosivo crescimento da rede a partir de 2006 e o Facebook como espaço de uso comercial. O artigo faz a análise do perfil de dois usuários frequentes do Facebook, um francês e um americano, mostrando que um deles tem um perfil mais comunicador, fazendo uso da rede como espaço para interagir de uma forma tradicional, enquanto o outro usuário, no caso o francês, usa o aplicativo para desenvolver uma comunidade e ter influência no debate político-social.

Ainda em 2007, Thompson, Dawson, Ferdig, Black, Boyer, Coutts & Black, buscaram identificar a frequência e o conteúdo das redes sociais online entre estudantes de medicina e residentes, tendo como sujeitos de pesquisa 501 estudantes de medicina e 312 residentes da Universidade da Flórida e como objeto de pesquisa os perfis do Facebook desse público. O resultado mostrou que o uso do Facebook é comum entre os médicos estagiários, com 44,5% dos pesquisados tendo uma conta. Estudantes de medicina usam com frequência a rede (64,3%) e residentes com menos frequência. Quanto maior tempo de estudo/formação, menor o uso do Facebook. O estudo sugeriu que enquanto o uso das redes sociais por médicos estagiários é comum na cultura atual de profissionais emergentes, a maioria dos usuários permite que qualquer um veja seu perfil, havendo necessidade de profissionalismo, com atenção às identidades pessoais e profissionais.

Pettit (2008) apontou para as implicações das tecnologias da informação para a educação profissional em saúde. O artigo explorou os benefícios e barreiras do progresso tecnológico e coloca questões fundamentais sobre as informações tecnológicas para a educação profissional. O autor encoraja os educadores em saúde a facilitar seu discurso sobre seus papéis e responsabilidades em relação ao avanço tecnológico. Também em 2008, Joly relatou que em novembro de 2007 o Facebook lançou uma série de novos recursos, incluindo páginas que permitem colegas, universidades e outras escolas a criar um perfil e recrutar fãs entre usuários da rede. Até então, instituições como organizações, grandes companhias ou mesmo pequenos negócios não eram realmente bem-vindos. O artigo apresentou histórias de sucesso no uso de aplicativos do Facebook por várias instituições de ensino, entre elas a Stanford University, Allegheny College e Butler University.

Em 2009, Fovet discutiu o impacto da utilização do Facebook entre estudantes de ensino médio com problemas sociais, emocionais e dificuldades comportamentais (SEBD). O autor examinou o impacto do uso da plataforma online em suas relações de mesmo nível e a sua adaptação dentro da escola. A hipótese de trabalho do estudo foi que esta plataforma tecnológica poderia permitir experimentar uma variedade de dificuldades na sala de aula para alunos corrigirem e resolvê-las por meios tecnológicos, particularmente no que diz respeito à representação de si e relações com seus pares. Uma metodologia mista foi usada, envolvendo a aplicação de questionários aos estudantes e análise qualitativa e de conteúdo na plataforma Facebook. Os resultados sugeriram que o Facebook tornou-se de extrema importância para estudantes com SEBD em sua adaptação à escola e sua gestão das relações de mesmo nível. Eles mostraram complexos padrões de modificação da autoimagem por parte dos estudantes e envolvimento dinâmico com seus pares ocorrendo na plataforma Facebook.

O artigo de Bosch, também de 2009, explorou o uso do Facebook na Universidade de Cape Town (África do Sul), bem como o envolvimento de estudantes via novos meios de comunicação sociais. Aproveitando uma etnografia virtual e entrevistas qualitativas, o artigo mostrou que há potenciais benefícios positivos para usar o Facebook no ensino e aprendizagem, particularmente para o desenvolvimento de micro-comunidades educativas. Entretanto, certos desafios, incluindo alfabetização de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e acesso desigual, permaneciam pertinentes. Primeiramente foi aplicado um questionário aos mais de 3,6 mil alunos da universidade para mapear o perfil do usuário do Facebook. Na sequência, 100 perfis de estudantes foram analisados, seguidos de 50 entrevistas em profundidade com alunos usuários do Facebook. Os resultados mostraram que o aprendizado na web disponibilizou conteúdo de aprendizagem muito mais livremente e instantaneamente para os alunos, uma vez que podiam baixar material dos cursos e leituras com um único clique do mouse. Facebook seria uma das muitas ferramentas de Web 2.0 – wikis, delicioso, YouTube, podcasts – listadas como tendo potencial nas aplicações de ensino e aprendizagem.

Em outro estudo de 2009, feito por pesquisadores do Departamento de Psicologia da Universidade de Georgetown (EUA), Pempek, Yermolayeva &

Calvert procuraram identificar quanto, por que e como os jovens usam esses sites de relacionamento, como o Facebook. Neste estudo, 92 estudantes de graduação registraram diariamente, durante uma semana, quanto tempo gastavam nas atividades feitas no Facebook. Resultados indicaram que os alunos usavam Facebook aproximadamente 30 minutos durante todo o dia como parte de sua rotina diária, num estilo de um-para-muitos, na qual eles foram os criadores e fizeram a difusão de conteúdos aos seus amigos. Mesmo assim, eles passaram mais tempo observando o conteúdo em Facebook do que realmente postando conteúdo. O Facebook foi utilizado mais frequentemente para a interação social, principalmente com os amigos com quem os alunos tiveram um relacionamento pré-estabelecidos off-line. Os resultados mostraram que sites de redes sociais como o Facebook fornecem novos espaços para jovens adultos para expressar-se e interagir uns com os outros. Embora se poderia esperar consideráveis experiências interativas, o trabalho mostrou que a espreita é considerável, com alunos olhando perfis de amigos e ter seus próprios perfis examinadas também. Sites de redes sociais permitem emergentes adultos para construir perfis e participar em atividades que refletem marcadores de identidade. Enquanto amizades, relacionamentos românticos e ideologia permanecem principais facetas de desenvolvimento do adolescente, é justo que na era digital, as preferências individuais de mídia também surgiram como jogar um importante papel em expressões de estudantes de quem eles são.

Ainda em 2009, Young abordou a aprendizagem no tempo de relação 2.0 e os riscos dos professores dividirem informações pessoais com alunos. O texto relatou alguns casos em que docentes tiveram problemas com o conteúdo de seus perfis no Facebook e apresentou algumas dicas de como evitar essas situações, entre elas a alteração de segurança do perfil de usuário, evitando que informações pessoais, que deveriam ser apenas para amigos, se tornem públicas, a todos os usuários da rede. Nesse mesmo ano, Wankel abordava o gerenciamento da educação usando a mídia social. O trabalho ofereceu uma visão geral do uso dos meios de comunicação sociais principais no ensino, entre eles o Facebook, blogs, YouTube, Twitter, MySpace e Second Life, discutidos com exemplos de como eles podem ser usados para fomentar a colaboração robusta entre os alunos na gestão da educação. O pesquisador da St. John's University, New York (EUA), exemplificou os usos do Facebook por instrutores de gestão, que incluíam a capacidade de fornecer um

atraente interativo local, tais como um grupo no Facebook, para estudantes para postar discussões em curso relacionados ao material e atividades, bem como resposta aos outros alunos. Postagens de estudante podem criar um tipo de interatividade e algumas discussões podem ser iniciadas pelo instrutor ou por estudantes. Por postar comentários sobre as aulas em murais de outros alunos, o resultado dessa ação reestrutura as reflexões sobre as informações, melhorando a aprendizagem através da repetição.

Também em 2009, Cloete, Villiers & Roodt, investigaram o uso do Facebook como ferramenta acadêmica por professores do departamento de sistemas de informação e ciência da computação da África Austral. As autoras acreditam que que os métodos de contato dos estudantes de hoje seriam muito diferentes do que era há muitos anos e a mudança se deve às novas tecnologias. As pesquisadoras descobriram que muito poucos professores estariam explorando o uso de uma dessas tecnologias nova, nomeadamente o Facebook, para reforçar seu ensino. O estudo contou com a participação de 45 professores que responderam a uma *survey* que procurou mapear o uso do Facebook como instrumento de ensino e aprendizagem. Muitos professores não teriam contas no Facebook, mas a maioria dos que tinham preferiam evitar interação com os alunos no Facebook. A maioria dos docentes que tem contas no Facebook não estavam associados a um grupo no Facebook relacionados a suas áreas de ensino ou interesses de pesquisa, usando o Facebook apenas para fins sociais. A maior parte dos professores não estava aplicando qualquer recurso on-line como uma ferramenta para aprendizagem acadêmica, mas a maioria deles achava que um site de rede social on-line, como o Facebook, poderia ser usado como uma ferramenta para aprendizagem como parte do ensino, embora a maioria não consideraria usar o Facebook como instrumento acadêmico para trabalho em grupo ou discussões on-line. As razões por que os docentes não usavam o Facebook passava pela segurança para interagir com os estudantes; o conteúdo do curso não ser propício para ferramentas de redes on-line e a falta de competência dos professores para usar o Facebook.

No último artigo de 2009, Schwartz voltava ao assunto do tipo de informação que deveria ser postada por professores no Facebook. A professora da Carlow University, de Pittsburgh (EUA) lembrava que:

Alguns sugerem que membros do corpo docente podem resolver potenciais dilemas em relação aos estudantes, fazendo sensatas decisões sobre o que postar e afinar as nossas definições de privacidade. Mas os desafios e as oportunidades de executar são mais profundos. Para aqueles de nós que querem ser adequadamente acessíveis para estudantes nas redes sociais que frequentam, mantendo também contato com todos, de nossos filhos a velhos amigos, o Facebook vale. Trata-se de um espaço de utilidade pública, mas ainda que requer discricção.

Em 2010, Sherblom revelou que haveria uma prevalência da comunicação mediada por computador (CMC) na educação e uma preocupação para suas consequências psicossociais e falta de eficácia como um ferramenta pedagógica. A pesquisa identificou cinco variáveis na literatura de investigação CMC e mostrou seu efeito moderador sobre a experiência psicossocial, com instrução da CMC na sala de aula. Estas influências seriam: o meio, a presença social, a quantidade de estudantes e instrutores envolvidos na interação de sala de aula, identidade do aluno como um membro da classe e as relações desenvolvidas entre o instrutor e os alunos. O ensaio articulou maneiras em que estrategicamente poder-se-ia lidar com um instrutor de sala de aula via CMC, o desafio destas influências para desenvolver interações de sala de aula, relações e experiências de aprendizagem.

A pesquisa de Green & Bailey (2010) traçou um histórico do Facebook, sua utilização como ferramenta de ensino-aprendizagem, como organizar grupos de estudo e programa acadêmicos na rede social. Para os autores, “O Facebook parece como o velho oeste americano — um vasto, selvagem e um lugar um pouco sem lei, que tem atraído diversos grupos de pessoas que procuram estacar uma reivindicação e deixar a sua marca”. Sugerem que nos aproximemos do Facebook para obter instruções com um senso de aventura em potencial, mas com os olhos bem abertos e com cuidado. Em outro trabalho de 2010, Loving & Ochoa, da Universidade da Flórida (EUA), o que se pesquisou foi o uso de grupos no Facebook para configurar uma página de classe, feitas por instrutores. Trata-se de um estudo de caso da flexibilidade, funcionalidade e utilidade de usar o Facebook como um espaço

acadêmico de comunicação com os alunos. A metodologia de base do estudo foi observar postagens de mural (68.169 no total) de um grupo de 612 páginas do Facebook de estudantes, publicamente acessíveis, durante um determinado período de tempo e, em seguida, analisar 453 delas. A pesquisa mostrou uma subdivisão do uso do Facebook em cinco categorias: (1) Recontar e refletir sobre a experiência da Universidade; (2) Intercâmbio de informações práticas; (3) A troca de informações acadêmicas; (4) Reclamações e descontentamentos e (5) "Brincadeiras" (humor e *nonsense*). A pesquisa sugeriu que o Facebook permitia que instrutores distribuíssem documentos (através de postagem e mensagens), administrassem listas de discussão, chat ao vivo de conduta e lidassem com algumas atribuições compartilhando com os alunos.

No trabalho de Roblyer, McDaniel, Webb, Herman & Witty, de 2010, os pesquisadores do Tennessee abordaram os *Social Networking Sites* (SNSs) como o Facebook, que é um dos exemplos mais recentes de tecnologias de comunicação que tem sido amplamente adotado por estudantes e, conseqüentemente, contam com potencial para se tornar um recurso valioso para suporte a suas comunicações educacionais e colaborações com corpo docente. No entanto, algumas faculdades proíbem que os alunos usem em sala de aula esse tipo de tecnologia. O estudo fez uma comparação entre alunos e docentes sobre as tecnologias mais usadas para fins acadêmicos – e-mail e Facebook. Uma comparação das respostas de 62 professores e 120 alunos de uma universidade americana indicou que os alunos são muito mais favoráveis do que o corpo docente para usar o Facebook. Membros do corpo docente são mais propensos a utilizar as tecnologias mais "tradicionais". Os resultados da indicaram que os alunos parecem muito mais abertos à ideia de usar o Facebook de forma instrucional. No entanto, a rápida evolução na sociedade percepções e usos da Internet têm mostrado na última década as atitudes para com tecnologias tendem a mudar ao longo do tempo.

Greene, Choudhry, Kilabuk & Shrank (2010) mostraram que várias informações específicas sobre doenças contavam com o Facebook e outros sites de redes sociais como espaço educacional e de intercâmbio de informações. Estas novas fontes de conhecimento, apoio e engajamento tornaram-se importantes para pacientes com doença crônica, no entanto, a qualidade de vida e o conteúdo das informações fornecidas nessas arenas digitais não seriam bem compreendidos. Os pesquisadores

americanos avaliaram qualitativamente o conteúdo de comunicação em comunidades de Facebook dedicados à diabetes. Foram identificados os 15 maiores grupos Facebook focados em gestão de diabetes. Para cada grupo, foram selecionados 15 posts mais recentes do mural e os 15 tópicos de discussão mais recentes dos 10 maiores grupos. Posts foram captados e agregados em um banco de dados. Dois investigadores avaliaram os posts, desenvolveram um sistema de codificação temático e aplicaram códigos para os dados. Os resultados mostraram que o Facebook forneceu um fórum para relatar experiências pessoais, fazer perguntas e receber feedback direto para as pessoas com diabetes. No entanto, atividade promocional e captação de dados pessoais também eram comuns, com nenhuma responsabilidade ou controle de autenticidade.

Em um outro estudo de 2010, transformado em um e-book pela comunidade Radian6, elencou as regras de conduta nas redes sociais. Essas regras abrangem a aplicação de meios de comunicação social de estágios iniciais de escuta e para as fases mais avançadas do envolvimento da Comunidade Foram organizadas em categorias de "Ouvir", "Medir", e "Engajar". Num outro trabalho apontado no levantamento do portal Capes Periódicos, Chretien, Arora, Saarinen & Ferguson (2010) se referiam a uma apresentação realizada na Academic Internal Medicine Week 2010, San Antonio, Texas por pesquisadoras da Universidade de Chicago (EUA) e abordava o uso das mídias sociais na educação médica. As autoras dividiram e conceituaram mídias sociais e entenderam que o social está relacionado da seguinte forma: social significa pessoas, logo, os alunos são as pessoas, os técnicos de laboratório são pessoas, os pacientes são pessoas e a comunidade do campus é composta por pessoas. Mídia significa meio, logo, informações. Para as autoras, poderíamos criar e usar a mídia: fotos, vídeo, áudio, documentos, websites, tutoriais, mapas, revisões, links da Web, feeds de notícias, calendários de atividade etc. As pesquisadoras exemplificam como usar as novas tecnologias na área da saúde com o uso de Twitter, Wikis, Podcasting e Blogs.

O primeiro artigo selecionado de 2011 mostrou que na Web 2.0, tecnologias como o Facebook, podem fornecer aos educadores novas possibilidades para alcançar seus alunos. Como essas tecnologias são novas, ainda não há um total entendimento de como poderiam ser melhor utilizadas no ensino. A pesquisa de Teclehaimanot & Hickman tenta investigar e compreender a interação aluno-

professor no Facebook. Foram pesquisados 60 alunos da Universidade de Educação de Toledo, identificando quais as atitudes dos professores no Facebook seriam bem-vindas. Os resultados indicaram que os estudantes achavam que comportamentos passivos são mais adequados do que comportamentos ativos, tanto por alunos como por professores. Engajar-se em comportamentos passivos permitiria aos professores e alunos a oportunidade de aprender mais sobre os outros como pessoas, o que ajudaria numa melhoria nas atitudes de estudantes em relação a seus professores e do ambiente de aprendizagem. A pesquisa sugeriu que alunos e professores poderiam entender melhor uns aos outros no Facebook, havendo potencial para melhorar as relações e experiências em sala de aula, o que resultaria em ações positivas de aprendizagem.

Também em 2011, Lampe, Wohn, Vitak, Ellison & Wash, pesquisadores da Michigan State University (EUA), examinavam como estudantes faziam uso do Facebook para participar em atividades relacionadas com a sala de aula colaborativa (por exemplo, organizando estudo grupos, aprendendo sobre processos de curso), identificando como o Facebook poderia ser utilizado como uma ferramenta informal para que estudantes pudessem organizar suas experiências de sala de aula. Foram feitas duas pesquisas tipo *survey* com 302 e 214 estudantes, respectivamente, e resultados sugeriam que alguns alunos estavam usando o Facebook para colaborar em atividades de sala de aula, o que poderiam levar a novas formas de interações educativas.

Também em 2011, Hyllegard, Ogle, Yan & Reitz discutiram sobre a educação médica “cyborg”. Os pesquisadores ressaltaram que um exemplo de uma tecnologia Web 2.0 com potencial para impactar positivamente a educação seriam os sites de redes sociais como Facebook, MySpace, Flickr e YouTube. Essas tecnologias permitiriam que os usuários criassem perfis pessoais de si mesmos, bem como se conectassem na rede e interagissem com a família, amigos e outras pessoas com interesses semelhantes. Os autores lembraram que, embora possa haver outros ambientes on-line e ferramentas para promover a aprendizagem social, faz sentido utilizar o Facebook como uma ferramenta de ensino superior de aprendizagem porque os alunos já estão engajados neste ambiente online.

Asselin & Moayeri (2011) ofereceram exemplos de práticas de sala de aula que desenham em elementos sociais da Web 2.0 que eram preferidos dos jovens para oferecer suporte a menos praticados usos exigidos para a aprendizagem. Especificamente, as autoras descreveram maneiras de usar os novos suportes e formas de textos para localizar e analisar criticamente informações e modos de partilha e de construção de conhecimento dentro da paisagem participativa e criativa da Web 2.0. Outra pesquisa, de Cao & Hong (2011), investigou os antecedentes e as consequências sociais da utilização de mídias sociais no ensino pelo corpo docente da faculdade. Trata-se de revisão da literatura e observações e informações qualitativas e quantitativas relatado por 249 membros do corpo docente da Faculdade de Negócios da Universidade de Toledo, em Ohio (EUA). O estudo sugeriu implicações práticas. Para uma implementação bem-sucedida dos meios de comunicação no ensino, seria necessário controlar vários riscos e preocupações da faculdade sobre o tempo, recursos, treinamento e funções. No entanto, se a utilização de meios de comunicação social conduzisse a resultados positivos em satisfação do aluno ou de aprendizagem, a gestão de ensino superior deveria promover os benefícios sociais por meios da utilização da mídia com o corpo docente com sólidos exemplos de resultados encorajadores na satisfação e aprendizagem por parte dos estudantes.

Maree Conway (2011) examinou como livro “Educating Educators with Social Media”, de Charles Wankel (Emerald Group Publishing), tratava de como capacitar educadores para o uso de mídias sociais. A autora australiana lembrou que os meios de comunicação social já estavam sendo usados no ensino superior e seu uso seria quase onipresente no ambiente social, acadêmico e pessoal. Chelliah & Clarke (2011), da Universidade de Sidney, Austrália, abordaram questões pedagógicas no ensino superior, como resultado da mudança para a uma sociedade de rede social onde tecnologias colaborativas Web 2.0 aumentam a criatividade do usuário, contribuindo para formas únicas da comunicação e da construção do saber. Os pesquisadores acreditavam que a tecnologia por si só não seria capaz de alterar a natureza da instrução de sala de aula, a menos que educadores fossem capazes de avaliar e integrar o uso dessa tecnologia no currículo. O trabalho forneceu uma análise teórica em relação ao papel pedagógico do social, das tecnologias de ensino

e aprendizagem, preocupação com o contraste entre as diferenças entre gerações em relação com percepções de aprendizagem e ensino e as limitações da tecnologia.

Smock, Ellison, Lampe & Wohnb (2011) coletaram dados de 267 estudantes de graduação em uma grande Universidade Centro-Oeste americano que revelavam as motivações dos usuários do Facebook, sua utilização, diferentes características (status, posts de mural) e compartilhamento de informações. Quando esses resultados foram contrastados, foram encontradas diferenças entre as motivações para uso geral do Facebook. Sugeriu-se que a utilização do Facebook não seria uniforme entre os usuários e que conceituar o site como uma coleção de recursos permitiria compreensão do por que os usuários estariam usando o site. Já Hrastinski & Aghaee (2011) fizeram uma pesquisa exploratória que tratava criticamente como os alunos percebiam o campus usando a mídia social para apoiar seus estudos e a percepção dos benefícios e limitações em comparação com outros meios. Os alunos entrevistados na pesquisa informaram utilizar e-mail e mensagens instantâneas, que são usados entre os alunos para pedir perguntas, coordenar os trabalhos de grupo e compartilhar arquivos. Alguns mencionaram usar Wikipedia e YouTube para recuperar conteúdo e Facebook para iniciar contato com colegas de curso. Os alunos acreditavam que as mídias sociais seriam um dos três principais meios de educação, juntamente com encontros presenciais e usando sistemas de gerenciamento de aprendizagem, para breves perguntas e respostas e coordenar grupos de trabalho.

Em outro artigo de 2011, Park, Boraee & Jin examinaram a associação entre autopromoção e intimidade no contexto do Facebook. Como antecedentes de autopromoção, o estudo incluiu a necessidade de filiação e as motivações para manutenção de relacionamento. Usando dados de uma pesquisa on-line (249 pesquisados), a pesquisa revelou que a positividade e quantidade de autopromoção eram positivamente associados com intimidade. O estudo também não encontrou nenhuma associação direta entre a necessidade de afiliação e autopromoção. Em vez disso, a necessidade de afiliação foi associada com as motivações de manutenção de relacionamento. Foram discutidas as implicações teóricas do estudo.

Bull, Breslin, Wright & Black (2011) descreveram o processo de coleta de dados de 1.588 participantes em um estudo aleatório controlado para testar a eficácia da educação de prevenção de HIV no Facebook. Os participantes recrutados foram

incentivados a convidar até três amigos para inscrever-se no estudo. Os pesquisadores sugerem que as redes sociais online estejam crescendo em popularidade, mas realizar pesquisas em sites de mídia social requer atenção deliberada para consentir, confidencialidade e segurança. Em outro trabalho selecionado, Cheung; Chiu & Lee (2011) apresentaram estudo cujo objetivo seria explicar por que os alunos usam Facebook. A teoria da influência social e do uso e gratificações foram adotadas para analisar o fenômeno. Os resultados demonstraram que a presença social tem o impacto mais forte nos motivos de adotar o Facebook, uma vez que a maioria das pessoas usam Facebook a fim de obter a comunicação instantânea e conexão com seus amigos. Trata-se de estudo empírico realizado com 182 estudantes.

O trabalho de Andrews, Tynan & James (2011) investigava a voz do aluno de curso à distância em relação com as suas 'experiências' vividas com a utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC), incluindo novos meios de comunicação, de ensino e aprendizagem. O estudo procurou compreender como os aprendizes à distância estão usando novas tecnologias de ensino e aprendizagem em um mundo que cada vez mais usa e confia em dessas tecnologias. Trata-se de pesquisa que utilizou grupos focais e constatou que os alunos variam muito na sua utilização de novos meios de comunicação. No entanto, não há evidências emergentes que alunos de cursos à distância de todas as idades estejam começando a se apropriar dessa mídia nova para oferecer suporte a uma experiência de aprendizagem mais móvel e conectada.

Um dos trabalhos nacionais selecionados pelo Capes Periódicos é da área da Psicologia (2011), em que Marcos & Vizzotto buscaram identificar o impacto do uso da Internet em estudantes do segmento da saúde. A fim de investigar a dependência do uso da internet, as autoras realizaram pesquisa com 150 alunos utilizando como parâmetro os critérios diagnósticos de distúrbios para jogos patológicos e modificando-os para caracterizar a dependência do uso da internet. O estudo mostrou que a dependência da Internet vai além do tempo de conexão. Outras características, que segundo o estudo, auxiliam a diagnosticar o uso compulsivo da internet são: o tipo de uso, o uso repetitivo e pouco criativo, como a pessoa se sente quando não está conectada a internet (ansiosa, triste, irritada e apreensiva para acessar novamente a internet) e como está a vida presencial dessa pessoa (se

mantém encontros sociais e amorosos, trabalho, escola, lazer, também fora na internet). Os resultados alertaram que o número de internautas que realizam o uso patológico da internet mostrava-se bastante relevante (57%), e confirmaram que a patologia se instala quando o indivíduo restringe seu mundo ao virtual, não transpondo para o mundo real, utilizando assim a internet em detrimento de outras atividades.

Por fim, um manual denominado *Facebook for Educators* em que os autores, Phillips; Baird & Fogg (2011), educadores especializados nessa área, apresentaram várias considerações sobre a importância da rede social Facebook no processo de educação, potencializando a relação professor x aluno, tendo como referência a Universidade de Stanford. Para os autores, o manual se resumia a sete dicas, a saber: 1. ajudar a desenvolver e seguir a política de uso da escola do Facebook; 2. encorajar os estudantes a seguir as regras do Facebook; 3. estar atualizado sobre perfis de segurança e privacidade no Facebook; 4. promover a boa cidadania no mundo digital; 5. usar as características das páginas e grupos do Facebook para comunicar-se com estudantes e pais; 6. adotar o estilo de aprendizagem digital, social e móvel sempre ligados aos estilos dos estudantes do século 21 e 7. Usar o Facebook como recursos de desenvolvimento profissional.

Considerações finais

Pelo levantamento do estado da arte da produção acadêmica sobre Facebook, saúde e educação foi possível verificar que trata-se de uma nova área de pesquisa, ainda em construção. O foco comunicacional ainda se dá com poucas afirmações e a pesquisa quantitativa se faz bastante presente, sendo o questionário (survey) presente em muitos estudos. Os textos oferecidos pelo Portal Capes Periódicos, por vezes são questionáveis do ponto de vista acadêmico, entretanto, trata-se de ferramenta de qualidade e que busca produção internacional atualizada, com boas contribuições para novas pesquisas.

Referências bibliográficas:

Andrews, T.; Tynan, B. & James, R. (2011). The lived experience of learners' use of new media in distance teaching and learning. *On the Horizon* - Vol. 19 No.. 4 2011, pp. 321-330.

Asselin, M. & Moayeri, M. (2011). The Participatory Classroom: Web 2.0 in the Classroom. *Practical Strategies Literacy Learning: the Middle Years*. Volume 19, Number 2, June 2011

Bosch, T.E. (2009). Using online social networking for teaching and learning: Facebook use at the University of Cape Town. *COMMUNICATIO* Volume 35 (2) 2009 pp. 185–200 Copyright: Unisa Press ISSN 0250-0167/ONLINE 1753-5379. DOI: 10.1080/02500160903250648

Bull, S.S.; Breslin, L.T.; Wright, E.E. & Black, S.R. (2011). Case Study: An Ethics Case Study of HIV Prevention Research on Facebook: The Just/Us Study. *Journal of Pediatric Psychology Advance Access* published February 3, 2011.

Cao, Y. & Hong P. (2011). Antecedents and consequences of social media utilization in college teaching: a proposed model with mixed-methods investigation. *On the Horizon*, vol. 19 no. 4 2011.

Chelliah, J. & Clarke, E. (2011). Collaborative teaching and learning: overcoming the digital divide?. *On the Horizon*, j Vol. 19 No. 4 2011, pp. 276-285, Q Emerald Group Publishing Limited, ISSN 1074-8121.

Cheung, C.M.K.; Chiu, P.Y. & Lee, M.K.O. (2011). Online social networks: Why do students use facebook? *Computers in Human Behavior* 27 (2011) 1337–1343

Chretien, K.; Arora, V.; Saarinen, C. & Ferguson, B. (2010). Incorporating Social Media into Medical Education. *Academic International Medicine Week 2010*, San Antonio, Texas.

Cloete, S; Villiers, C. & Roodt, S. (2009). Facebook as an academic tool for ICT lecturers. *SACLA '09*, 29 June - 1 July, Mpekweni Beach Resort, South Africa.

Conway, M. (2011). Book review: Educating Educators with Social Media, Charles Wankel. *On the Horizon*, j Vol. 19 No. 4 2011, pp. 350-354.

Faber novel consulting (2007). Facebook: the “social media” revolution. A study and analysis of the phenomenon. *Creative Commons*.

Fovet, F. (2009). Impact of the use of Facebook amongst students of high school age with Social, Emotional and Behavioural Difficulties (SEBD). *Anais da 39th ASEE/IEEE Frontiers in Education*.

Garcia, P.S. (2005). A Internet como nova mídia na educação.

Green, T. & Bailey, B. (2010). Academic Uses of Facebook: Endless Possibilities or Endless Perils? *TechTrends* • May/June 2010 Volume 54, Number 3.

Greene, J.A.; Choudhry, N.K.; Kilabuk, E & Shrank, W.H. (2010). Online Social Networking by Patients with Diabetes: A Qualitative Evaluation of Communication with Facebook. *J Gen Intern Med* 26(3):287–92.

Hrastinski, S. & Aghaee, N.M. (2011). How are campus students using social media to support their studies? An explorative interview study. *Educ Inf Technol*.

Hyllegard, K.H; Ogle, J.P.; Yan, R.N.; Reitz, A.R. (2011). An exploratory study of college student's fanning behavior on facebook. *College Student Journal* 45.3 (2011): 601+. AONE. Web. 3 Nov. 2011.

Joly, K. (2008). The Facebook applications: the game changer. *Universitybusiness.com*.

Lampe, C.; Wohn, D.Y.; Vitak, J.; Ellison, N.B. & Wash, R. (2011). Student use of Facebook for organizing collaborative classroom activities. *Computer-Supported Collaborative Learning* (2011) 6:329–347 DOI 10.1007/s11412-011-9115-y.

Loving, M. & Ochoa, M. (2010). Facebook as a classroom management solution. *New Library World*. Vol. 112 No. 3/4, 2011 pp. 121-130. Emerald Group Publishing Limited 0307-4803.

Marcos, V. P. ; Vizzotto, M. M. (2011). *Uso Patológico da Internet em Estudantes Universitários*. In: II Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde / I Congresso Ibero-Americano de Psicologia da Saúde, 2011, São Bernardo do Campo. Transformações socioculturais e promoção de saúde.

Nine rules of social media (2010). E-book colletive. 1 888 6RADIANT (1 888 672-3426).

Namkee Park, N.; Bora, J. & Jin, S.A.(2011). Effects of self-disclosure on relational intimacy in Facebook. *Computers in Human Behavior* 27 (2011) 1974–1983.

Número de usuários brasileiros no Facebook cresce 298% em 2011. (2012, 5 de janeiro). *Portal G1* Recuperado em 15/02/2012, de <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/numero-de-usuarios-brasileiros-no-facebook-cresce-298-em-2011.html>>.

Pempek, T.A.; Yermolayeva, Y.A. & Calvert, S.L. (2009). College students' social networking experiences on Facebook. *Journal of Applied Developmental Psychology*.

Pettit, M.L. (2008). Implications of information technology for the health education profession. *American Journal of Health Studies*: 23(1) 2008.

Phillips, L.F.; Baird, M.A.D., & Fogg, B.J.(2011). *Facebook for Educators*. Disponível em: www.FacebookForEducators.org.

Roblyer A., McDaniel, M; Webb, M.; Herman, J. & Witty, J.V. (2010). Findings on Facebook in higher education: A comparison of college faculty and student uses and perceptions of social networking sites. *Internet and Higher Education* 13 (2010) 134–140.

Schwartz, H.L. (2009). Facebook as an academic tool for ICT lecturers. *The Chronicle Review*.

Sherblom, J.C. (2010). The computer-mediated communication (CMC) classroom: a challenge of medium, presence, interaction, identity, and relationship. *Communication Education*, 59:4, 497-523.

Smock, A.D.; Ellison, N.B.; Lampe, C. & Wohnb, D.Y. (2011). Facebook as a toolkit: A uses and gratification approach to unbundling feature use. *Computers in Human Behavior*, 27 (2011) 2322–2329.

Teclehaimanot, B. & Hickman, T. (2011). Student-Teacher Interaction on Facebook: What Students Find Appropriate. *TechTrends* • May/June 2011, Volume 55, Number 3.

Thompson, L.A.; Dawson, K; Ferdig, R.; Black, E.W.; Boyer, E.; Coutts, J. & Black, N.P. (2007). The Intersection of Online Social Networking with Medical Professionalism. *J Gen Intern Med* 23(7):954–7.

Wankel, C. (2009). Management education using social media. *Organization Management Journal* (2009) 6, 251–262.

Young, J.R. (2009). COLLEGE 2.0: How Not to Lose Face on Facebook, for Professors. *The Chronicle of Higher Education*, Volume 55, Issue 22, Page A1, February 6, 2009.